

Efeitos Indiretos Da Imigração: A Segunda Geração De Latino-Americanos Na Cidade De São Paulo¹

Indirect Effects of Immigration: The Second Generation of Latin Americans in the City of São Paulo

*Gabriela Camargo de Oliveira²
Rosana Aparecida Baeninger³*

Resumo: Este artigo tem como objetivo iniciar a discussão acerca da segunda geração de imigrantes latino-americanos na cidade de São Paulo. Buscando enfatizar a importância de incluir nas pesquisas os descendentes de imigrantes, com objetivo de entender os grupos migrantes em questão e os efeitos indiretos do fenômeno migratório. Para tal, o artigo analisa as pirâmides etárias das nacionalidades argentina, boliviana, chilena, paraguaia, peruana e uruguaia residentes na cidade de São Paulo, no de 2000.

Palavras-chaves: Segunda geração; Latino-americanos; Imigração.

Abstract: The objective of this article is to initiate the second generation immigrants' discussion. This article is an effort to discuss the indirect impact of migration in the receiving city, in this case, São Paulo City. We will focus especially the Latino American second generation in the city. Trying to demonstrate the importance of including the immigrants' descendants into the migration studies. This article includes analysis of the age structure of Argentines, Bolivians, Chilean, Paraguayan, Peruvian and Uruguayan and their off-spring living in São Paulo in 2000.

Key-words: Second generation; Latin American; Immigration.

Contexto das imigrações latino-americanas no Brasil e na cidade de São Paulo

Embora pouco estudado e conhecido, depois da Segunda-Guerra Mundial, o Brasil recebeu fluxos imigratórios de perfil diferente dos daqueles fluxos do começo do século XX e em menor quantidade. Paiva (2007) aponta que imigrantes provenientes da América Latina – principalmente de países como Argentina, Bolívia, Paraguai, Peru, Uruguai – passaram, a partir dos anos 1970, a compor o movimento de imigração internacional para o Brasil. Vários fatores contribuíram para esses contingentes migratórios regionais, desde acordos bilaterais para entrada de estudantes nos anos 1950 (Silva, 2008) até razões políticas e econômicas dos anos 1960 e 1970 no contexto latino-americano (Silva, 2008). Em anos mais recentes, em particular a partir dos anos 1980. Os fluxos imigratórios latino-americanos se destinaram, principalmente, para duas áreas: as regiões de fronteiras e as regiões metropolitanas (Patarra, 2002), em especial São Paulo e Rio de Janeiro.

¹ Artigo recebido em novembro de 2011 e aprovado em fevereiro de 2012.

Artigo apresentado no VII Encontro Nacional Sobre Migrações de Tema Central: Migrações, Políticas Públicas e Desigualdades Regionais, realização de 10 a 12 de Outubro de 2011, Curitiba/PR.

² Mestranda em Demografia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/IFCH da Universidade Estadual de Campinas/Unicamp. Estudo realizado no âmbito do projeto de mestrado FAPESP: A segunda geração de latino-americanos na RMSP de São Paulo.

³ Professora do Departamento de Demografia e Pesquisadora do Núcleo de Estudos de População/UNICAMP. Estudo realizado no âmbito do Projeto Temático “Observatório das Migrações em São Paulo: fases e faces do fenômeno migratório no Estado de São Paulo” – FAPESP/CNPq. E-mail: baeninge@nepo.unicamp.br

No âmbito da reestruturação econômica internacional dos anos 1990/2000, os imigrantes oriundos do Mercosul corresponderam a 40% dos imigrantes internacionais legais que chegaram ao Brasil (Patarra e Baeninger, 2005). Em 1990, o Brasil apresentava 1,1 milhões de estrangeiros, que correspondiam a 6,2% da população total. A América do Sul foi responsável por 44% do total de estrangeiros no Brasil, de acordo com o Censo de 1991, e o estado de São Paulo foi o principal receptor de imigrantes, principalmente os latino-americanos. (Antico, 1998)

Em São Paulo, assim como o resto do país, houve um aumento do fluxo de imigrantes latino-americanos a partir dos anos 70 e desde então o fluxo vem aumentando. Embora São Paulo receba imigrantes provenientes de todo o mundo e principalmente da América Latina, o maior fluxo de entrada são de bolivianos, paraguaios, argentinos, peruanos e uruguaios e chilenos (Paiva, 2007).

A maior parte dos imigrantes latino-americanos em São Paulo veio com o objetivo de trabalhar no ramos de confecções, comércio e serviços (Silva, 2008). Segundo estudos realizados por Silva (2008) os maiores fluxos de estrangeiros latino-americanos em São Paulo na atualidade são de bolivianos, peruanos e paraguaios.

Embora as estimativas sobre a quantidade de imigrantes residentes na cidade venham aumentando ao longo dos anos, os dados da Polícia Federal e do Ministério do Trabalho demonstram uma diminuição nos pedidos de autorização de trabalho, o que evidencia o aumento dos estrangeiros indocumentados. Devido à situação de indocumentação desses imigrantes não é possível estabelecer o número aproximado de imigrantes na cidade, o que faz o assunto de difícil estudo. (Baeninger e Leoney, 2001)

Independente das diferenças entre os números oficiais e os estimados, é fato que a comunidade latino-americana na cidade de São Paulo é grande e vem crescendo cada vez mais, demonstrando um movimento migratório de fluxo constante. A comunidade latino-americana na cidade se estabeleceu ao longo dos últimos 30 anos e é presença marcante nos bairros centrais (PROJETO URB-AL, 2007). Apesar da taxa de retorno característica dos movimentos migratórios (Sayad *apud* Silva, 2008), os imigrantes latino-americanos têm construído suas vidas na cidade, permanecendo, constituindo famílias e tendo filhos em São Paulo. Filhos estes que nos levam a questão da segunda geração.

A segunda geração: definições conceituais

A segunda geração pode ser definida como a geração de filhos dos imigrantes adultos, que nasceram ou chegaram ainda novos ao país receptor. Conforme definido por Waters, Kasinitz, Mollenkopf (2004),

“[...] a segunda geração - e a geração 1.5 – gerações imigrantes... ou seja, pessoas cujos pais são imigrantes, mas eles mesmos eram nascidos ou foram substancialmente criados nos Estados Unidos”⁴ (Kazinitz; Mollenkopf; Waters, 2004, p. 1)

⁴ Tradução livre do trecho: “(...) *second- and ‘1.5’ – generation immigrants... that is, people whose parents were immigrants but who themselves were born or substantially raised in United States.*” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 1)

Portes (1996), no seu estudo sobre imigrantes latino-americanos nos Estados Unidos, distingue três categorias. As “crianças imigrantes” seriam jovens que nasceram no exterior, mas que imigraram para os Estados Unidos logo após a infância para serem criados no país; já as “crianças de imigrantes” – a segunda geração – inclui as crianças de pais imigrantes que nasceram no país receptor, bem como as crianças que nasceram no exterior e que imigraram ainda bem novos, também chamados de geração 1.5; e as “crianças nativas”, crianças de pais naturais do país. Segundo o autor,

“[...] três categorias distintas: crianças imigrantes, crianças de imigrantes e crianças nativas de pais nativos. A primeira categoria inclui jovens que nasceram no exterior e vieram para os Estados Unidos após a infância para serem criados aqui. A segunda inclui as crianças nascidas nos Estados Unidos de pais imigrantes e as crianças nascidas no exterior mas que vieram ainda muito novos (algumas vezes chamados de geração 1.5). A terceira categoria, crianças nativas de pais nativos, representam a vasta maioria do total da população e da população adolescente.”⁵ (Portes, 1996, p. ix)

Portes et alli (2008) consideram a segunda geração de imigrantes em seus estudos, pois:

“O motivo que nos levou a voltar nossa atenção para os filhos foi a constatação de que os efeitos de longo prazo da imigração na sociedade norte-americana seriam determinados menos pela primeira do que pela segunda geração...” (Portes, Halles, Fernandez-Kelly, 2008, p. 13)

Para esses autores, os imigrantes de primeira geração seriam flutuantes, ora no país receptor ora no país de origem, estariam na sociedade, mas não fariam parte dela; já os filhos desses imigrantes ficariam no país, como cidadãos. Além disso, seria a segunda geração que determinará a manutenção ou não de práticas culturais originárias. Portanto, estudar a segunda geração de imigrantes seria tão importante quanto estudar a primeira geração. Ademais, seria preciso compreender como a segunda geração tem se inserido na sociedade receptora e que relações mantém com a comunidade local para entender os efeitos da imigração para a sociedade. Portes et all (2008, p.13) afirmam

“Imigrantes de primeira geração sempre foram um grupo muito flutuante, hoje aqui e amanhã já de partida, na sociedade, porém não ainda parte dela. Em contraste, seus filhos nascidos e criados nos Estados Unidos estão nesse país, sem a menor dúvida, para ficar e, como cidadãos, estão inteiramente habilitados a ter ‘voz’ no sistema político norte-americano (no sentido do termo utilizado em Hirschman [1970]). Portanto, o decurso de sua adaptação

⁵ Tradução livre da autora: “(...) *three distinct categories: immigrant children, children of immigrants, and native-born children of native parentage. The first category includes youth who are born abroad and come to the United States after early infancy to be raised here. The second includes native-born children of immigrant parents and children born abroad who came at very early age (sometimes called the 1.5 generation). The third, native-born children of native parentage, represents the vast majority of both the total and adolescent populations.*” (PORTES, 1996, p. ix)

determinará, mais do que outros fatores, no longo prazo, o destino dos grupos étnicos gerado pelos imigrantes de hoje.”

Para os autores, no caso dos EUA, a hipótese da assimilação uniforme não se aplicaria totalmente à “nova segunda geração”⁶, que são os descendentes da corrente imigratória latina e asiática; já que ela não estaria sendo assimilada do mesmo modo que as correntes imigratórias anteriores.

Portanto, teria havido mudanças nas formas de assimilação desde os primeiros estudos sobre assimilação de imigrantes. A hipótese dos autores é de que, ao contrário do que aconteceu com a segunda geração de imigrantes do pós Primeira e Segunda Guerra Mundial, a “nova segunda geração” não estaria sendo assimilada ao *mainstream* de forma uniforme, como foi a segunda geração do fluxo imigratório europeu, uma vez que

[...] a imagem de uma trajetória de assimilação uniforme não dava conta do que efetivamente estava ocorrendo. Em vez disso, o processo havia se tornado segmentado em vários percursos distintos, alguns levando a trajetórias ascendentes, outros, a trajetórias descendentes.” (Portes, Halles, Fernandez-Kelly, 2008, p. 14)

Esse fato se deve a uma variedade de fatores na sociedade que são diferentes hoje do que eram anteriormente e também às diferenças étnico-culturais dos novos imigrantes. Fatores como o contexto social da sociedade receptora, composição familiar, preconceito, barreiras educacionais, características fenotípicas, políticas públicas para imigrantes e outros, fazem com que a assimilação ocorra de forma “segmentada”.

A “assimilação segmentada” (Kazinitz, Mollenkopf, Waters, 2004) pode ser definida como assimilação em alguns setores específicos da sociedade, como em setores minoritários e não em sua totalidade.

(...) Assimilação segmentada descreve os vários resultados de diferentes grupos de jovens de segunda geração e argumenta que o modo de incorporação da primeira geração é responsável pelos diferentes acessos da segunda geração às oportunidades e redes sociais.”⁷ (Kazinitz; Mollenkopf; Waters, 2004, p. 7)

“Ao invés da uniformidade relativa da sociedade, que dita os caminhos comuns de integração por meio dos costumes e preconceitos, hoje em dia se observa diversas formas de adaptação. Uma delas replica o retrato honorável do crescimento da aculturação e da paralela integração dentro da classe média branca; a segunda leva diretamente para o caminho oposto, em direção à pobreza

⁶ O termo “nova segunda geração” se refere à segunda geração do fluxo migratório pós-1965 para os Estados Unidos, que é predominantemente latino e asiático. Diferenciando-se do termo segunda geração, muitas vezes associado ao fluxo imigratório europeu do começo do século 20 para os Estados Unidos.

⁷ Tradução livre da autora: “(...) segmented assimilation describes the various outcomes of different groups of second-generation youth and argues that the mode of incorporation for the first generation gives the second generation access to different types of opportunities and social networks” (KAZINITZ; MOLLENKOPF; WATERS, 2004, p. 7)

permanente e assimilação nos segmentos minoritários da sociedade; ainda, a terceira associa rápido avanço econômico com preservação deliberada dos valores e laços de solidariedade da comunidade imigrante”⁸ (Portes e Zhou, 2005, p. 90).

Para Portes e Zhou (2005), a “nova segunda geração” estaria vivendo um conflito de adaptação tanto de ordem cultural como social; entre a pressão dos pais para que mantenham laços fortes com a comunidade étnica e os desafios de ingressar num mundo não-familiar e frequentemente hostil. Segundo os autores, as condições econômicas e sociais na época dos fluxos imigratórios do pós-Primeira e Segunda Guerra Mundial eram bem diferentes das confrontadas pelos imigrantes atuais.

“As condições daquele tempo eram bastante diferentes das confrontadas pelos grupos imigrantes de hoje. [...] Primeiro, os descendentes dos imigrantes europeus que confrontaram os dilemas decorrentes de conflitos culturais eram uniformemente brancos. E mesmo quando mais escuros que os nativos, a cor de suas peles reduziu a maior barreira de entrada na sociedade norte-americana. Por essa razão o processo de assimilação dependeu largamente das escolhas individuais [...] Essa vantagem obviamente não existe para as crianças dos filhos dos imigrantes de hoje, negros, asiáticos e mestiços. Segundo, a estrutura das oportunidades econômicas também mudou. Cinquenta anos atrás, os Estados Unidos à potência industrial mundial, e os diversificados requisitos para o trabalho industrial ofereceram a segunda geração a oportunidade de gradualmente ascender a posições melhores pagas, enquanto faziam parte da classe trabalhadora. Nos anos recentes, essas oportunidades desapareceram paulatinamente seguindo o rápido processo de desindustrialização nacional e da reestruturação industrial global”⁹ (Portes e Zhou, 2005, p. 86).

Esse processo, nos EUA, segundo os autores:

“teria deixado para os ingressantes na força de trabalho norte-americana um confrontante vazio entre as posições com salários

⁸ Tradução livre da autora: “Instead of a relatively uniform mainstream whose mores and prejudice dictate a common path of integration, we observe today several distinct forms of adaptation. One of the replicates the time-honored portrayal of growing acculturation and parallel integration into the white middle-class; a second leads straight in the opposite direction to permanent poverty and assimilation into the underclass; still a third associates rapid economic advancement with deliberate preservation of immigrant community’s values and tight solidarity” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 90)

⁹ Tradução livre da autora: “Conditions at the time were quite different from those confronting settled immigrant groups today. (...) First, descendants of European immigrants who confronted the dilemmas of conflicting cultures were uniformly white. Even if of a somewhat darker hue than natives, their skin color reduced the major barrier to entry into the American mainstream. For this reason the process of assimilation depended largely on individual decisions... Such an advantage obviously does not exist for the black, Asian, and mestizo children of today’s immigrants. Second, the structure of economic opportunities has also change. Fifty years ago, the United States was the premier industrial power in the world, and its diversified industrial labor requirements offered to the second generation the opportunity to move up gradually through better-paid occupations while remaining part of the working class. Such opportunities have increasingly disappeared in recent years following a rapid process of national de-industrialization and global industrial restructuring.” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86)

reduzidos que normalmente os imigrantes aceitam e as posições profissionais e de alta-tecnologia que requerem alto grau de escolarização que as elites nativas ocupam. O gradual desaparecimento das oportunidades intermediárias também afeta diretamente a corrida entre o progresso econômico da primeira geração e as expectativas da segunda geração.”¹⁰ (Portes e Zhou, 2005, p. 86)

Portanto, hoje, os novos imigrantes teriam menos chances de mobilidade na sociedade receptora do que tinham os imigrantes dos fluxos anteriores. Esse fator, associado a outros - como preconceito e falta de oportunidades educacionais - estariam resultando em uma “assimilação descente”, ou seja, nos grupos minoritários do *mainstream*, dentro das subculturas, contrário ao que ocorreu aos descendentes dos imigrantes europeus, que tiveram uma “assimilação ascendente”. No entanto, segundo Portes e Zhou (2005), na realidade, a situação ainda não se tornou tão polarizada, logo, seria possível observar a assimilação em diversos segmentos da sociedade.

Segundo Portes, Halles e Fernandez-Kelly (2008), o problema seria que a segunda geração de imigrantes não estaria conseguindo se mover da situação econômica inicial da primeira geração e ingressar na “classe média” da sociedade, alimentando o ciclo de imobilidade social.

“Em uma economia cada vez mais baseada no conhecimento, os filhos de imigrantes sem uma educação avançada não poderiam aceder a posições que lhes provessessem um passaporte para as classes médias e altas, e poderiam estagnar em ocupações manuais, mal remuneradas, não muito diferentes daquelas exercidas por seus pais.” (Gans, H. *apud* Portes, Halles, Fernandez-Kelly, 2007, p. 14)

No entanto, ao falar dos caminhos segmentados, Portes *et alli* (2007), deixa claro que as evidências indicam que a maioria da segunda geração estaria se assimilando de forma ascendente ou dissonante, mas que parte considerável estaria se assimilando descendente. No entanto, embora a parcela que estaria se assimilando de forma descendente seja minoria, o grupo seria bastante volumoso. Logo seria necessário compreender as trajetórias que resultam em assimilações tão distintas.

Desse modo, falar em assimilação segmentada não significaria dizer que a maioria da segunda geração irá majoritariamente se assimilar de forma descendente. Ao contrário, ao invés de uma assimilação uniforme, nos dias de hoje, a assimilação tem ocorrido de formas distintas para os diferentes grupos de segunda geração. Portanto, compreender como e o porquê dessas distintas assimilações seria importante para entender os resultados da integração da segunda geração na sociedade receptora.

¹⁰ Tradução livre da autora: This process has left entrants to that American labor force confronting a widening gap between the minimally paid menial jobs that immigrants commonly accept and high-tech and professional occupations requiring college degrees that native elites occupy. The gradual disappearance of intermediate opportunities also bears directly on the race between first-generation economic progress and second-generation expectations...” (PORTES; ZHOU, 2005, p. 86)

Segunda geração: o caso paulista

No Brasil, também temos uma “nova segunda geração”, ou seja, os descendentes da nova corrente migratória de latino-americanos para o país. Mas apesar de muitos estudos (Silva, 2008; Paiva, 2007) já terem sido realizados sobre a primeira geração desses imigrantes, pouco se conhece sobre a realidade da segunda geração. O fluxo migratório latino-americano para o São Paulo data de pelo menos 40 anos atrás e um contingente expressivo de famílias imigrantes se formou na cidade de São Paulo, fato associado ao próprio fenômeno migratório em si, ao processo de reunificação familiar e formação de novas famílias.

Na cidade de São Paulo, a segunda geração da corrente migratória de latino-americanos para o país é presença marcante nas regiões centrais da cidade, principalmente nas escolas públicas, que chegam a ter até 50% dos seus alunos de origem estrangeira. Apesar disso, pouco se sabe sobre essas crianças e adolescentes, tanto em termo quantitativos como em termos qualitativos.

Assim como para a primeira geração, a qual o exato número de estrangeiros latino-americanos na cidade de São Paulo ainda permanece desconhecido e divergente entre as fontes oficiais e as provenientes de instituições de apoio ao migrante, para a segunda geração o cenário é bastante parecido. Decorrente disso, a mensuração do tamanho da segunda geração também se faz ainda mais difícil, resultado tanto da indocumentação característica do fluxo, como falta de dados confiáveis a respeito do volume do grupo. Fato ainda mais agravado, uma vez que parte da segunda geração é brasileira, e, portanto, nas fontes oficiais são consideradas como tal, mascarando a origem familiar estrangeira.

No entanto, apesar da invisibilidade das comunidades latino-americanas na metrópole paulista, a formação da segunda geração de imigrantes latino-americanos pode ser observada nos micro-dados do Censo 2000. Portanto o objetivo desse trabalho vai além de debater a questão da segunda geração em São Paulo, mas também demonstrar e evidenciar a importante presença desse grupo a partir dos dados do Censo 2000. As análises serão feitas por meio da observação e descrição das estruturas etárias das famílias em questão, ou seja, da primeira geração e a geração 1.5 (declarados estrangeiros no Censo) e da segunda geração.

Metodologia

Com objetivo de observar a presença da segunda geração latino-americanos na cidade de São Paulo, a metodologia adotada foi a análise dos micro-dados da Amostra expandida do Censo Demográfico\IBGE 2000. Foram analisados os dados referentes aos imigrantes latino-americanos que registraram maior presença na cidade, ou seja, provenientes da Argentina, Bolívia, Chile, Paraguai, Peru e Uruguai. Para análise dessa segunda geração foi realizada a reconstituição domiciliar desses imigrantes com o objetivo de captar, a partir do Censo Demográfico de 2000, as famílias com presenças de filhos nascidos no país estrangeiro e filhos nascidos no Brasil.

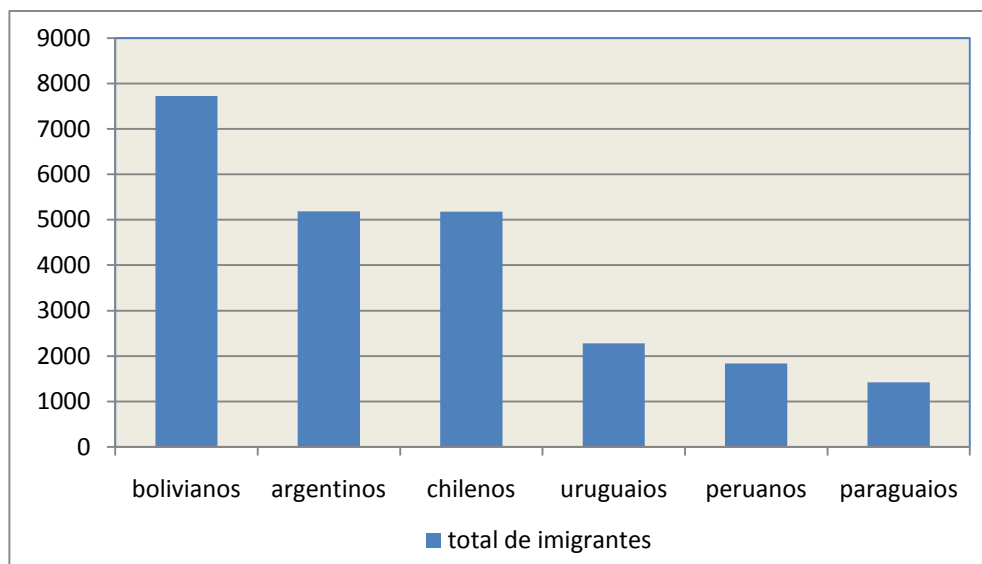
A reconstituição e o estabelecimento das relações familiares foram realizadas a partir da variável do Censo “relação com o responsável pelo domicílio”. Para tanto as gerações foram diferenciadas em primeira geração, para estrangeiros que chegaram já adultos no Brasil, geração 1.5 para estrangeiros que chegaram ainda crianças ou

jovens (no caso desse artigo, para todos os estrangeiros que foram declarados como filhos em relação a variável relação com o responsável pelo domicílio, no Censo 2000) e segunda geração para indivíduos que foram declarados como filhos e que nasceram no Brasil mas tinham ao menos um dos pais de nacionalidade latino-americana.

Primeiros resultados

Segundo dados do Censo IBGE de 2000, na cidade de São Paulo residiam 7722 bolivianos, 5183 argentinos, 5189 chilenos, 2277 uruguaios, 1834 peruanos, 1420 paraguaios, conforme demonstra o gráfico um. No entanto, esses dados não distinguem os imigrantes de primeira geração, ou seja, que migraram adultos, e a geração 1.5, ou seja, as crianças que nasceram no exterior mas vieram ainda jovens para o Brasil.

Gráfico 1 - População latino-americana Município de São Paulo 2000

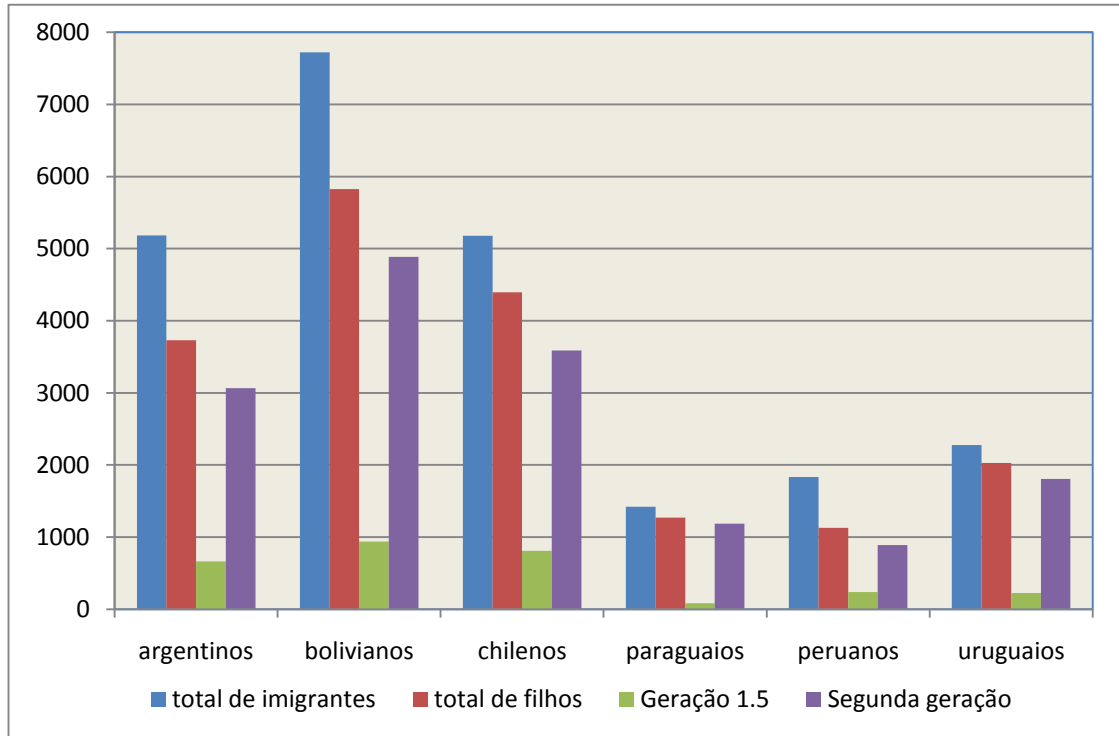


Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Logo, com o objetivo de distinguir o volume de estrangeiros de primeira geração, geração 1.5 e segunda geração foram realizadas tabulações especiais para diferenciar as gerações em questão. Realizada essa distinção foi possível observar a presença da segunda geração e da geração 1.5. No gráfico abaixo fica evidente que parte do contingente que consideramos como estrangeiros, ou seja, pessoas declaradas como estrangeiros no Censo 2000, não são estrangeiros de primeira geração e sim da geração 1.5, embora eles perfaçam a menor parte. Mas ao reconstituirmos os domicílios e observarmos a presença de filhos/enteados, podemos notar como a presença da segunda geração e da geração 1.5 é importante tanto no volume desses domicílios como na composição. Entre aqueles declarados como filhos, é possível observar que a maioria é de segunda geração, ou seja, nascidos no Brasil mas com um dos responsáveis de nacionalidade estrangeira. Logo, é possível notar a

importância, em termo, quantitativos, da segunda geração nos domicílios com presença responsável pelo domicílio ou cônjuge estrangeiro.

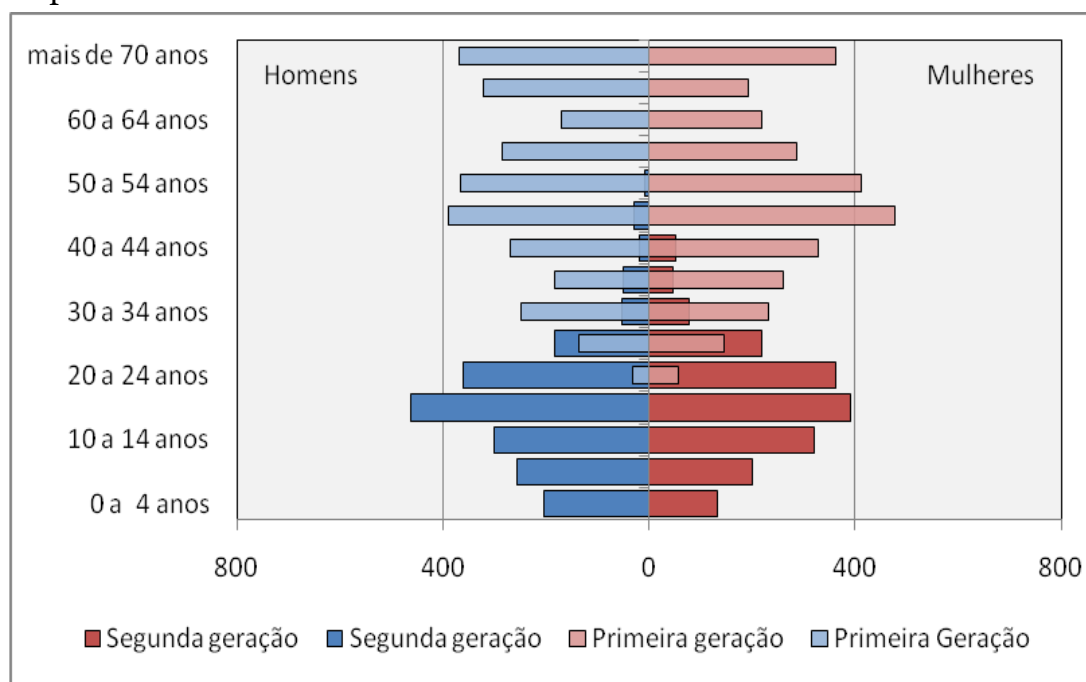
Gráfico 2 - Segunda geração de imigrantes latino-americanos Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000. Tabulações especiais.

No caso da imigração argentina para São Paulo foi possível observar que o total de filhos somou 3728, sendo 3064 da segunda geração e 664 da geração 1.5. Dado o fluxo de argentinos para o Brasil ser menos recente, é possível observar que a estrutura etária da população estrangeira argentina é bastante envelhecida, com maior parte de seu contingente acima dos 40 anos. No entanto, ao observarmos a estrutura etária do grupo levando em consideração seus descendentes, ou seja, a segunda geração, conforme o gráfico três, é possível observar uma estrutura etária embora ainda envelhecida ainda com um grande volume de jovens e crianças, embora a base da pirâmide demonstre uma tendência ao estreitamento, para o ano de 2000. A idade média entre os responsáveis pelo domicílio e cônjuge foi de 51,5 anos, enquanto a idade média para os filhos/enteados foi de 17,5 anos. Logo a idade média levando em consideração pais e filhos foi 34,5 anos, o que mostra o claro rejuvenescimento da comunidade argentina na cidade quando se leva em conta as duas gerações em conjunto. A idade média considerando todos os residentes dos domicílios foi bastante similar, de aproximadamente 38 anos.

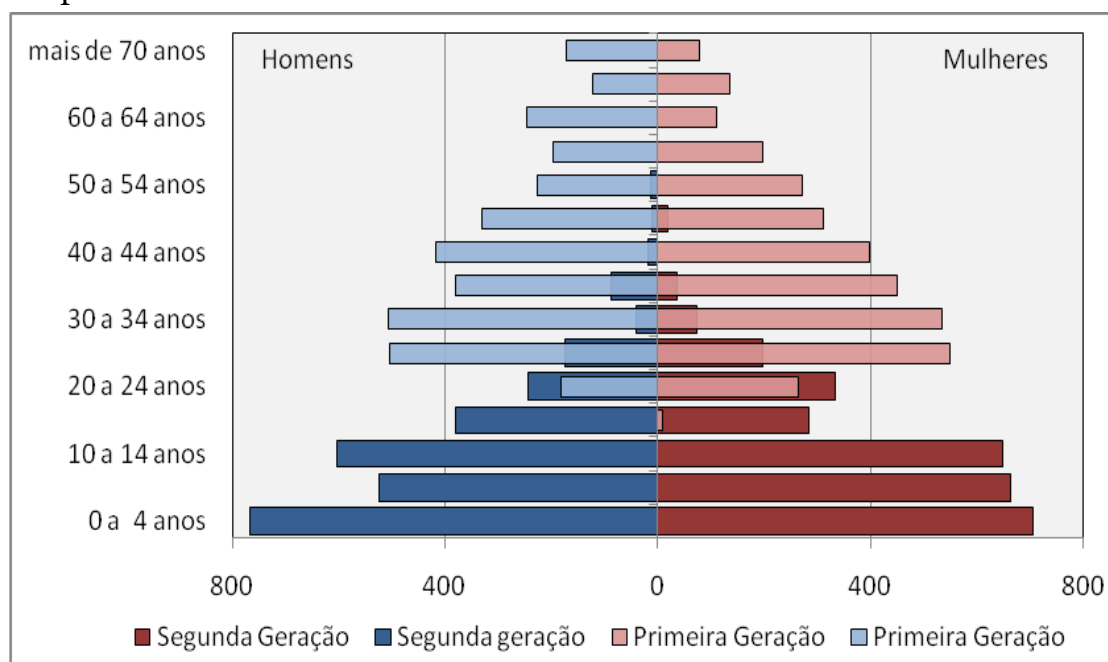
Gráfico 3 - Estrutura Etária da população argentina – Primeira e Segunda Geração Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Já no caso da imigração de bolivianos para São Paulo foi possível notar um total de filhos foi de 5824; 4888 da segunda geração e 936 da geração 1.5 para o ano de 2000. Conforme o gráfico quatro, ao analisarmos a estrutura etária da população de nacionalidade boliviana em São Paulo, é possível observar uma estrutura com grande volume de adultos e volume reduzido de crianças e idosos, característica de uma pirâmide etária de uma população migrante de fluxo recente, embora o fluxo boliviano para o Brasil tenha se intensificado a partir dos anos 70. No entanto, ao observarmos a estrutura etária das gerações em conjunto, é possível observar uma pirâmide etária bastante jovem, com grande volume de crianças e jovens, fato que pode ter também demonstrado a partir da observação da idade média do grupo. A idade média do total de pessoas nos domicílios foi de 27,5 anos, no entanto, a idade média dos responsáveis foi de 41,4 anos, enquanto a idade média dos filhos foi de aproximadamente 12 anos. Ou seja, a inclusão da segunda geração de bolivianos rejuvenesce a estrutura etária do grupo em questão.

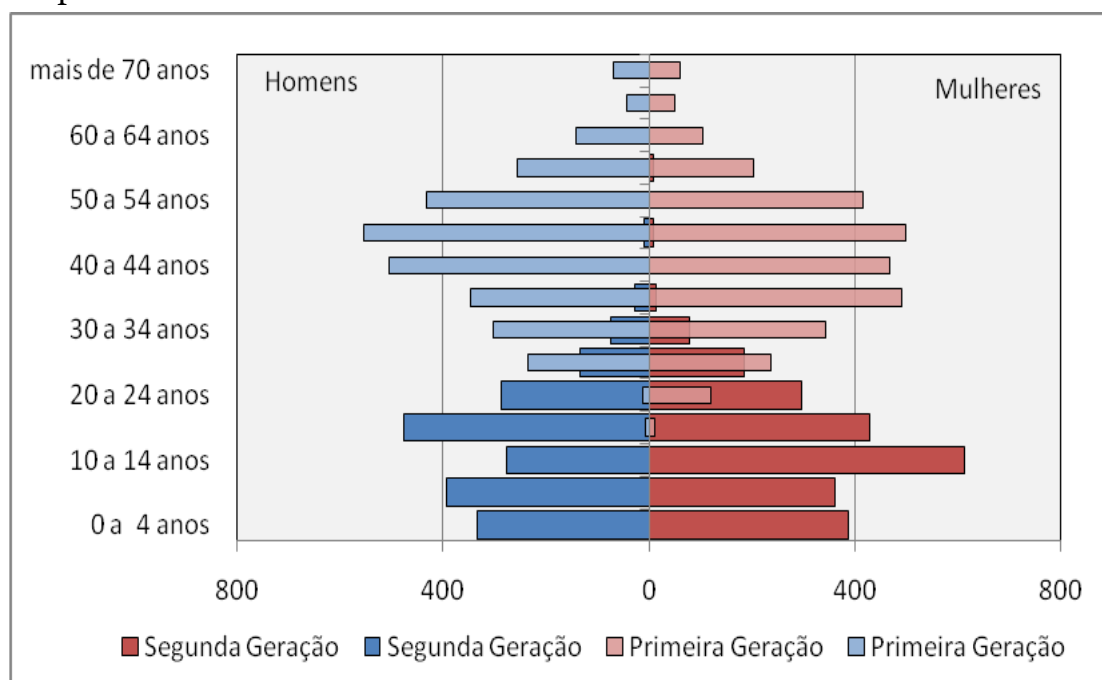
Gráfico 4 - Estrutura Etária da população boliviana – Primeira e Segunda Geração Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Em relação aos estrangeiros de nacionalidade chilena, foi possível observar a presença de 4394 filhos; 3587 da segunda geração e 807 da geração 1.5. Em relação a estrutura etária da população da primeira geração, assim como no caso dos estrangeiros argentinos, é possível observar uma estrutura etária adulta no entanto em processo de envelhecimento, destacando o pequeno volume de crianças e jovens e uma maior presença de homens para a primeira geração. Mas ao observamos a estrutura etária da primeira e da segunda geração em conjunto podemos observar uma presença importante de crianças e jovens. Conforme podemos observar no gráfico abaixo, ao consideramos a população chilena em suas duas gerações, podemos ver como a presença da segunda geração é importante. A idade média da segunda geração chilena foi de 14 anos, enquanto dos responsáveis foi de 44 anos e para o total de pessoas no domicílio foi de 31 anos. Mas uma vez, observamos como a presença da segunda geração exerce um papel importante no rejuvenescimento da população chilena em São Paulo.

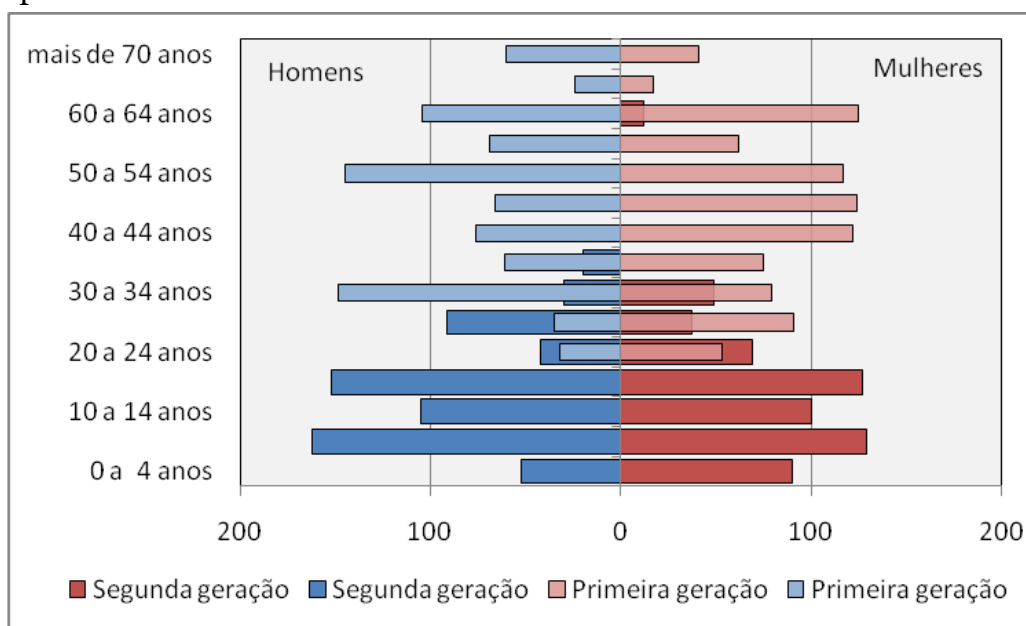
Gráfico 5 - Estrutura Etária da população chilena – Primeira e Segunda geração Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

No caso dos paraguaios foi possível observar a presença de 1270 descendentes diretos; 1186 da segunda geração e 84 da geração 1.5. Em relação a estrutura etária da população paraguaia na cidade São Paulo é possível observar uma estrutura etária porém em processo de envelhecimento, no entanto ao observamos a estrutura etária em conjunto com a segunda geração é possível observar um grande volume de crianças e jovens nessa população, rejuvenescendo fortemente a estrutura etária do grupo em questão, além disso o volume da segunda geração é bastante similar ao volume da primeira geração. A idade média das pessoas presentes nos domicílios que eram chefias ou tinham como cônjuge ao menos um paraguaio foi de 32,5 anos, enquanto a idade média dos responsáveis ou cônjuges em separado foi de 46,5 anos, já para entre os filhos a idade média foi de 15 anos, demonstrando bastante diversidade em termos de idade da população em questão.

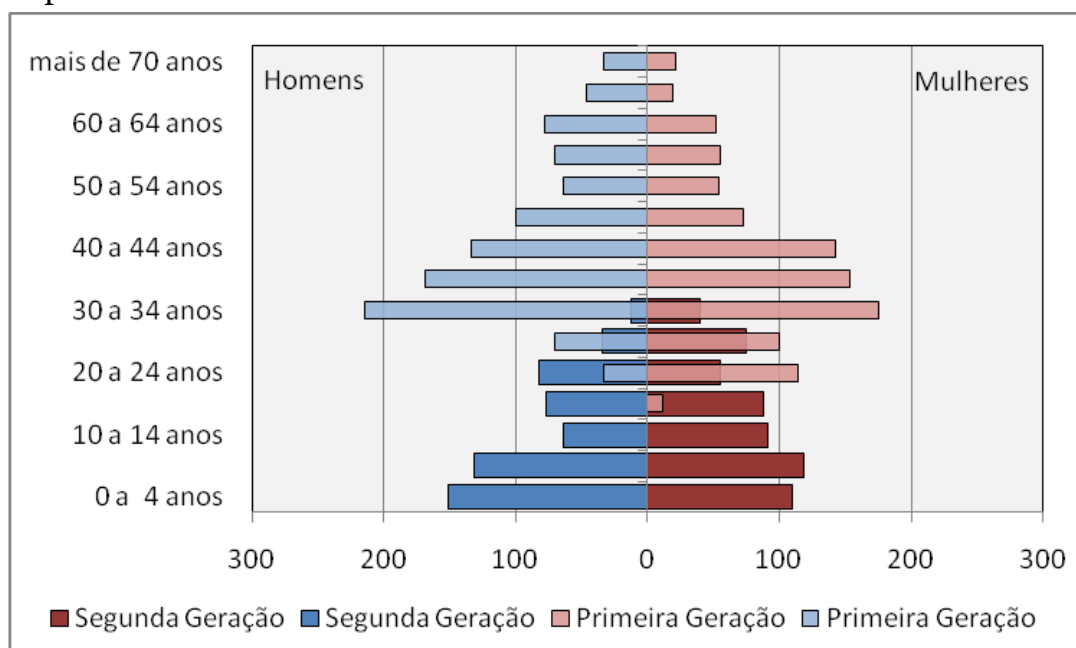
Gráfico 6 - Estrutura Etária da população paraguaia – Primeira e Segunda Geração Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Já no caso dos imigrantes peruanos, o total de filhos foi de 1126; 890 da segunda geração e 236 da geração 1.5. Ao analisarmos a pirâmide etária da primeira geração de peruanos é possível notar uma estrutura etária bastante adulta e masculina, dada que o fluxo migratório peruano para São Paulo é recente. A idade média da primeira geração foi de aproximadamente 41 anos. No entanto, ao observamos a pirâmide somando as duas gerações é possível observar um alargamento da base, com presença crescente de crianças e jovens e a idade média de 31 anos, ou seja, dez anos a menos. Embora a presença de crianças não seja tão massiva, para a segunda geração de peruanos a idade média foi de aproximadamente 13 anos.

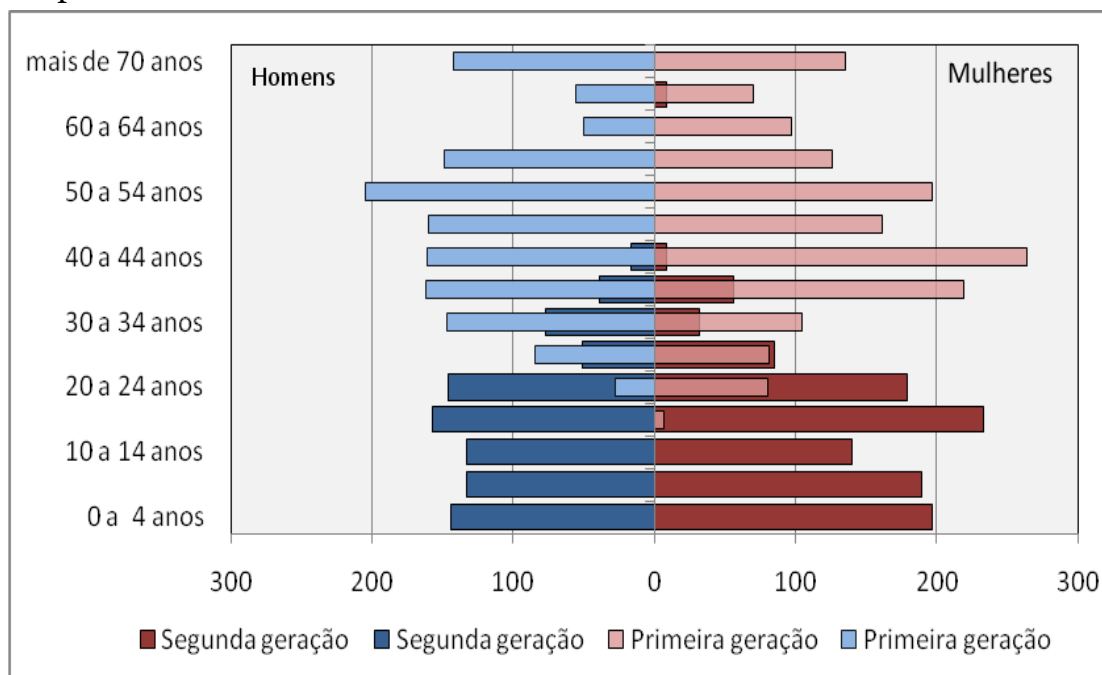
Gráfico 7 - Estrutura Etária da população peruana – Primeira e Segunda Geração Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Em relação a população uruguaia na cidade de São Paulo, o total de filhos foi de 2029, 1807 da segunda geração e 222 da geração 1.5. Dado que o fluxo uruguaio para São Paulo não é recente, é possível observar uma estrutura etária da primeira geração bastante adulta e envelhecida, ademais com maior presença de homens. A idade média da primeira geração foi 47,3 anos. No entanto, levando em conta a segunda geração é possível observar uma estrutura etária com forte presença de adultos, porém relevante presença de crianças e jovens, formando uma pirâmide em formato quase retangular. Sendo a idade média da segunda geração 15,8 anos e para o total de pessoas de 34,1 anos.

Gráfico 8 - Estrutura Etária da população uruguaia - Primeira e Segunda Geração Município de São Paulo 2000



Fonte: Fundação IBGE, Censo Demográfico de 2000 – Amostra expandida. Tabulações especiais.

Considerações finais

Esse artigo teve como objetivo principal demonstrar a importância da presença da segunda geração e da geração 1.5 de latino-americanos na cidade de São Paulo e para tal buscou descrever o volume das distintas gerações latino-americanas a partir dos dados do Censo Demográfico de 2000.

Logo, pudemos perceber que ao levarmos em conta a questão dos filhos dos imigrantes o volume das populações de imigrantes mencionadas foi grandemente ampliado, demonstrando a importância da segunda geração para entender a dinâmica do grupo em questão. Portanto, podemos concluir que ao restringirmos os estudos migratórios apenas as questões relacionadas apenas a primeira geração, empobrecemos o entendimento das comunidades migrantes e do fenômeno migratório em si. Ou seja, não observamos os efeitos indiretos decorrente dessa imigração.

Ademais, ao analisarmos a estrutura etária dessas populações foi possível observar, no geral, para toda a primeira geração uma estrutura etária adulta com pequena presença de crianças e jovens. No entanto, ao observamos a estrutura etária da primeira e segunda geração em conjunto foi possível notar um rejuvenescimento da estrutura, com importante presença de crianças e jovens. Demonstrando assim a importância da segunda geração ao analisarmos as populações imigrantes na cidade de São Paulo e na composição dessas famílias. Demonstrar que para além dos impactos da primeira geração em São Paulo, também devemos buscar entender a questão de um ponto de vista mais amplo, levando em consideração ambas as gerações. Pois as análises aqui realizadas evidenciaram uma constante para todas as nacionalidades em questão, o rejuvenescimento das estruturas etárias.

Tal dado pode parecer inexpressivo uma vez que sempre que numa população com relevante volume de crianças e jovens a tendência é que a estrutura etária seja mais jovem. No entanto, geralmente, quando pesquisamos as populações imigrantes, levamos em conta apenas as pessoas de nacionalidade estrangeira, deixando de lado seus descendentes. Logo, esse artigo visou enfatizar a importância de analisarmos os imigrantes latino-americanos em São Paulo em conjunto com seus descendentes, principalmente em conjunto com a segunda geração nascida no Brasil.

Referências

ANTICO, C. “Imigração internacional no Brasil durante a década de 80: explorando alguns dados do Censo de 1991”. In: Anais XI Encontro Nacional de Estudos de População da ABEP, 1998, Caxambu: ABEP, 1998.

BAENINGER, R.; LEONCY, C. “Perfil dos estrangeiros no Brasil segundo autorizações de trabalho (Ministério do Trabalho e Emprego) e registro de entradas e saídas na polícia federal” In: CNPD. **Migrações internacionais** – Contribuições para políticas. Brasília, DF: 2001. p. 187-242.

BATISTA JR, P. N. **A América do Sul em movimento**. Revista de Economia Política, vol. 28, n^o 2 (110), pp. 226-238 abril-junho/2008.

CYMBALISTA, R.; XAVIER, I. R. **A comunidade boliviana em São Paulo: definindo padrões de territorialidade**. São Paulo: ANPOCS, 2007. (Paper Anpocs).

DOMENACH, H.; PICOUET, M. **Les migrations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1995.

_____. El carácter de reversibilidad en el estudio de la migración. **Notas de Población**, Santiago de Chile, CELADE, n.49, 1990.

FAZITO, D. Análise de Redes Sociais e a Migração: Mito e realidade. Anais Encontro Nacional de Estudos Populacionais. ABEP, Ouro Preto, 2002.

FAUSTO, B. **Historiografia da imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP, 1991.

FIORI, José L. “Ajustes e milagres latino-americanos” In: **Os Moedeiros Falsos**. Rio de Janeiro: Petrópolis, 1997.

PROJETO URB-AL rede 10. **A imigração na cidade de São Paulo: integração dos imigrantes como forma de combate à pobreza**. Prefeitura da cidade de São Paulo, Instituto UNIEMP, Coordenado por KADLUBA, R. F. C. São Paulo, 2007. Disponível na internet em formato PDF. Site:http://www.projetofabrica.com.br/imigrantes/noticias/imigracao_em_sao_paulo.pdf Acesso em setembro de 2009.

KASINITZ, P; MOLLENKOPF, J. H.; WATERS, M. C. “Worlds of the second generation” In: KASINITZ, P; MOLLENKOPF, J. H.; WATERS, M. C. **Becoming New Yorkers:**

ethnographies of the new second generation. New York: Russell Sage Foundation, 2004.

MEDEIROS, Carlos A. “Globalização e a inserção internacional diferenciada da Ásia e da América Latina” In: FIORI, J. L., CONCEIÇÃO, M. T. **Poder e dinheiro: uma economia política da globalização.** Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

PAIVA, O. C. “A imigração de latino-americanos para São Paulo (Brasil): dois tempos de uma mesma história.” São Paulo, Pastoral do Imigrante, 2007. Disponível na internet www.memorialdoimigrante.org.br/arquivos/artigofranca.pdf Acesso em setembro de 2009.

PATARRA, N. L.; BAENINGER, R. **Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras.** Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v.21, n.60, fev./2006.

_____. **Migrações internacionais de e para o Brasil contemporâneo volumes, fluxos, significados e políticas.** São Paulo em perspectiva, v. 19, n. 3, p. 23-33, jul./set. 2005, formato PDF.

PATARRA, N. “Migrações internacionais e integração econômica no cone Sul: notas para discussão” In: SALES, T.; SALLES, M. do R. R. (orgs). **Políticas migratórias: América Latina, Brasil e brasileiros no exterior.** São Carlos: EdUFSCar, Editora Sumaré, 2002.

PATARRA, N. “Principais fluxos migratórios entre os países da América do Sul ” In: SEMINÁRIO: **Migrações na América do Sul.** Secretaria de Acompanhamento e Estudos Institucionais, Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República. Brasília, 2009. Disponível na internet: <https://sistema.planalto.gov.br/.../exec/.../ApresentacaoProfNeide.pdf> Acesso em setembro de 2009.

PORTES, Alejandro. "Preface". In: PORTES, Alejandro. **The New Second Generation.** New York: Russel Sage Foundation, 1996.

_____. "Introduction: Immigration and its Aftermath". In: PORTES, Alejandro. **The New Second Generation.** New York: Russel Sage Foundation, 1996.

PORTES, A.; Zhou, M. “The new second generation: segmented assimilation and its variants” In: SUÁREZ-OROZCO, M; SUÁREZ-OROZCO, C; QIN, D. B. **The new immigration: an interdisciplinary reader.** New York: Taylor & Francis Group, 2005.

PORTES, A; HALLEY, W; FERNANDEZ-KELLY, P. “Filhos de imigrantes nos Estados Unidos”. Tempo Social – Revista de Sociologia da USP, v. 20, n. 1, São Paulo, 2008.

SILVA, Sidney A. **Costurando sonhos: trajetória de um grupo de imigrantes bolivianos em São Paulo.** São Paulo: Paulinas, 1997.

_____. “Latino-americanos em São Paulo: aspectos de sua reprodução social e perspectivas” In: XXII Encontro Anual da ANPOCS, 1998. Caxambu: Anais, 1998. <http://www.anpocs.org.br/encontro/1998/1998.htm> Acesso em setembro de 2009.

_____. “Fases da latinidade: Hispano-americanos em São Paulo” In: Textos NEPO 55, Campinas/UNICAMP, 2008.

SALES, T. “A organização dos imigrantes brasileiros em Boston, EUA”. In: São Paulo em Perspectiva, São Paulo, v.19, n.3, jul./set.2005.

_____. **Brasileiros longe de casa.** São Paulo: Cortez, 1999.

SALES, T; LOUREIRO, M. “Imigrantes brasileiros adolescentes e de segunda geração em Massachusetts, EUA.” In: XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, 2004. Caxambu: ABEP, 2004. Formato PDF.